

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS

A EGIPTOMANIA NO *TWITTER*

Analisando o banco de dados do LEPHAMA (2008 A 2013)

Campanha–MG

2024



Fernando Antônio Nani Carvalho Junior

Melissa Cristine Lopes Ribeiro

Ygor Klain Belchior

A EGIPTOMANIA NO *TWITTER*

Analisando o banco de dados do LEPHAMA (2008 A 2013)

Relatório apresentado à 8ª FEMIC - Feira
Mineira de Iniciação Científica.

Orientação do Prof. Dr. Ygor Klain Belchior.

Campanha-MG

2024



RESUMO

Este trabalho de iniciação científica financiado pelo PAPq-UEMG analisou as manifestações da Egiptomania no *Twitter* (2008-2013), à luz da historiografia recente, buscando compreender a recepção do Egito Antigo nessa plataforma. A metodologia consistiu na coleta de tweets via busca avançada (palavras-chave: Anúbis, Faraó etc.) e classificação em categorias. Resultados: 7188 evidências, com predominância de "Anúbis" (25,22%), "Faraó" (12,53%) e "Osíris" (12,06%), indicando interesse na religião e governantes egípcios. Conclusões: o Egito Antigo é evocado no Twitter para discutir a contemporaneidade, dando novos significados ao passado, como "Anúbis" para "trevas", "Faraós" comparados a governantes modernos e "Osíris" associado à magia e proteção. O trabalho contribui para a compreensão da dinâmica entre passado e presente nas redes sociais.

Palavras-chave: Egiptomania, *Twitter*; Redes Sociais, História Digital, Recepção do Egito Antigo, Cultura Digital, Representações do passado.



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 JUSTIFICATIVA	15
3 OBJETIVO GERAL	21
4 METODOLOGIA	22
5 RESULTADOS OBTIDOS	28
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39



1 INTRODUÇÃO

É inegável a presença do Egito Antigo na cultura pop. Desde os primórdios do cinema, houve o imenso interesse do grande público nessa sociedade antiga. Podemos mencionar o filme “A Múmia” (1932), a primeira produção a trazer a temível maldição da múmia para as telas, um enredo que durou por anos, basta lembrar da produção de 1999, com o mesmo nome, a qual alcançou recordes de bilheteria.

O contexto do lançamento da película de 1932 é muito importante para entendermos o fascínio sobre o Egito. A descoberta da tumba do faraó Tutancâmon em 4 de novembro de 1922 pelo arqueólogo britânico Howard Carter, não só foi um dos eventos mais famosos da história da arqueologia, mas como demarcou um novo ramo da Egiptomania, nomeada em homenagem ao jovem faraó, a “Tut-mania”.

Essa nova mania, não só alimentou o cinema, mas todo o imaginário ocidental que havia sido construído acerca da morte de Lord Carnarvon, financiador da expedição, pouco tempo depois da abertura da tumba. O falecimento foi atribuído à “maldição do faraó”, uma história muito explorada pelos jornais da época.

O fenômeno da descoberta também alimentou o mundo da moda. A quantidade de riquezas encontradas na tumba — móveis, tecidos, armas, textos sagrados, joias e utensílios diversos — inspirou as boutiques europeias por décadas. Uma moda inspirada no luxo e no dourado, copiando o sarcófago e a máscara mortuária, ambos em ouro maciço, além de conterem pedras preciosas.

O exemplo da “Tut-mania” é importante para entendermos o que é Egiptomania. Ela se diferencia de outras duas formas de interesse no Egito. A primeira é a Egiptofilia, ou seja, o ato de se apossar dos objetos, das esculturas, documentos e outros elementos da cultura egípcia. A segunda, por sua vez, é a Egiptologia, isto é, “o ramo da ciência que trata [d]o antigo Egito” (BAKOS, 2004, p. 10).



A Egiptomania visa, então, estudar a recepção do Egito Antigo em diversas temporalidades. Ou seja, o seu foco está nas manifestações simbólicas do Egito antigo como um fenômeno de cunho social e cultural originado na antiguidade que perdura até hoje (Figura 1). Em outras palavras, entende os artefatos como fontes para o estudo do imaginário que se tem sobre a cultura egípcia em diferentes temporalidades, mesmo que “decalcados de seus antigos modelos originais” (Bakos, 2004, p. 10).

Figura 1 – Look DIOR por John Galliano, alta-costura verão 2004



Fonte: Braga, 2023.



A partir da leitura da obra “Egiptomania: O Egito no Brasil” (Bakos, 2004), percebemos que o fascínio pelo Egito antigo é algo que existe desde a antiguidade. Os gregos e os romanos foram os primeiros a colecionarem as maravilhas encontradas nas areias do deserto, a exemplo dos obeliscos e das pirâmides, expostos em praça pública. Os seus olhares sobre essa civilização, que nasceu há mais de seis mil anos, criaram o primeiro formato de egiptomania que o ocidente experimentou.

O desenvolvimento da egiptomania no mundo acompanhou as descobertas acadêmicas, para além da tumba de Tutancâmon, alimentando o imaginário e saber popular, resguardados nos relatos e nos contos criados pelos escritores viajantes, que enxergaram na cultura egípcia uma fonte criativa para a elaboração de suas literaturas.

Outra grande descoberta foi o deciframento da pedra de Roseta em 1821, por François Champollion, a qual marcou o desenvolvimento da arqueologia e da egiptologia no século XX. Descoberta em 1799, por soldados franceses, durante a expedição de Napoleão ao Egito, é um fragmento de uma estela que data de 196 a.C. Ela foi muito importante para a descoberta de Champollion por apresentar um texto inscrito em três idiomas: hieróglifos; demótico e o grego antigo, permitindo a leitura comparada.

Pausa para falar de Napoleão. Como um aficionado pela cultura antiga do Egito, foi um homem muito importante para o desenvolvimento da Egiptofilia, ao se preocupar, para além da guerra, com a construção de uma vasta coleção de antiguidades. Junto a ele, e à serviço da França, as invasões pelo Egito foram acompanhadas por uma série de pesquisadores responsáveis pela fundação da Egiptologia.

A primeira obra que podemos chamar do “ramo” foi “Description de L’Égypte” (Descrição do Egito), composta ao longo de 1809 a 1828. É uma compilação de pesquisas que ajudou a criar uma onda de fascínio global pelo Egito e pelo Oriente Médio. Uma onda que chegou ao Brasil por intermédio da família real.



No Brasil, o fascínio pelo Egito surge com Dom Pedro II, que devido a sua paixão pela cultura egípcia, escreveu, estudou e foi à terra dos Faraós.

Figura 2 – D. Pedro II no Egito



Fonte: Marton, 2017.

O imperador estava na fronteira entre ser “egiptofilíaco” e um egiptólogo. Ele foi o responsável pela aquisição de uma vasta coleção egípcia, em 1827, com artefatos e até múmias, arrematadas em um leilão. O valor foi de 5 contos de réis, vendidos por um comerciante chamado Nicolau Fiengo. O Brasil foi o primeiro país a possuir uma coleção egípcia das Américas. Após a aquisição, o Imperador foi instruído a doar a coleção para o Museu Nacional, onde, infelizmente, em 2018, foi tomada pelas chamas e muitos dos objetos foram perdidos. Atualmente, inúmeros trabalhos são realizados na tentativa de recuperar o máximo de itens possíveis.



Aqui outra pausa em nossa narrativa se faz necessária. Fruto de outra “mania”, a “mumiamania”, uma prática que consistia em comer as múmias, iniciada desde a antiguidade, o século XIX foi a época em que atingiu um novo pico. Era muito comum haver eventos públicos de estudos de múmias. Segundo Parra (2020), o “pioneiro foi Thomas Pettigrew, cirurgião inglês, que mais tarde se tornou conhecido como Pettigrew das Múmias”, especializado em triturar os corpos para fazer remédios.

A fascinação do Brasil pela cultura egípcia se manifestou de formas diversas ao longo da história, revelando ser polissêmica. E foi, desde a arquitetura monumental até as mídias digitais, se entrelaçando com o contexto social de cada época, expressando diferentes significados e propósitos.

Figura 3 –Pirâmides do Passeio Público, Rio de Janeiro



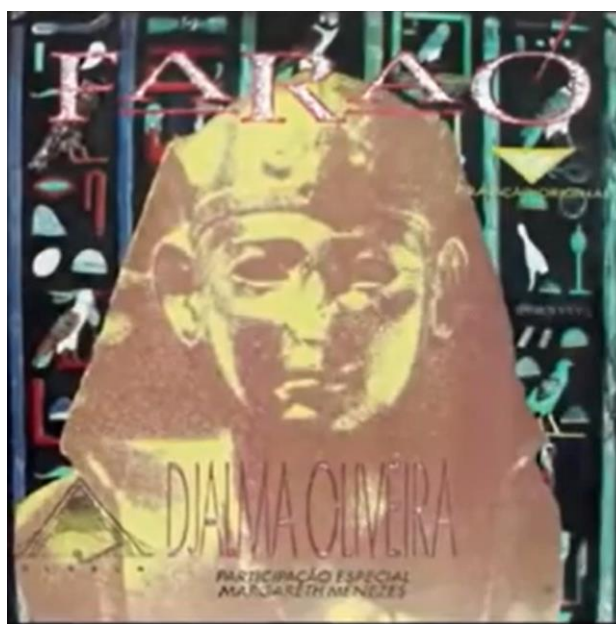
Fonte: Riotur, 2021.



O século XIX foi “A Era da Arquitetura Monumental”. As elites brasileiras encontraram na arquitetura egípcia uma forma de distinção social, por meio da monumentalidade, como símbolos de poder e prestígio. Túmulos suntuosos em forma de pirâmides e templos, adornados com esfinges e obeliscos, expressavam a busca por distinção. Obras como o Passeio Público do Rio de Janeiro, com suas pirâmides projetadas pelo mestre Valentim, ilustram bem essa tendência (Figura 3).

O século XX presencia uma diversificação da Egiptomania, para além da “Tut-mania”, na moda e no cinema, e da “mumiamania”, expandindo-se para a cultura pop. Podemos chamar esse período de “Cultura Pop e novas formas de apropriação da Egiptomania”. O carnaval, por exemplo, com suas raízes em festivais egípcios em homenagem à deusa Ísis, se torna um espaço de expressão da identidade e resistência cultural, visando celebrar suas raízes africanas e ressignificar o passado (Figura 4). Outros exemplos podem ser extraídos do marketing e do cinema. A imagem da pirâmide, símbolo de solidez e prosperidade, é utilizada em marcas e empresas. E filmes como “Cleópatra” (1963) popularizam a temática egípcia, alimentando o fascínio do público.

Figura 4 –Capa do *single* Faraó, Djalma Oliveira e Margareth Menezes



Fonte: Axé - canto do povo de um lugar, 2016, 00:19:43.



Por fim, chegamos ao século XXI. A época que podemos chamar de “Egiptomania na era digital”, na qual observamos a presença da Egiptomania em novas plataformas. *Games* como “Assassin's Creed Origins” (2017) exploram a história e a mitologia egípcias. E, por fim, as redes sociais, como o *Twitter*, se tornaram espaços de compartilhamento da Egiptomania, conectando entusiastas (Figura 5).

Figura 5 –Olodum no Egito



Fonte: Oficial, 2022.

O *Twitter* é uma das maiores plataformas de comunicação na atualidade. Segundo Volpato (2023), a rede possui 24 milhões de seguidores no Brasil, consolidando -se como um lugar onde os usuários comentam e debatem o que estão assistindo na TV, como os noticiários, os *reality shows*, os jogos de futebol e outros programas. Distanciando-se das amenidades e fotos coloridas de outras plataformas, como o *TikTok* e o *Instagram*, consolidou-se pela divergência de opiniões.



Grande parte dessa divergência é política. Percebemos que a História, ou temas relacionados a ela, tem grande significância argumentativa. E um assunto de muito interesse é o Egito antigo. Para além da política, esse passado tem grande significância, está na moda, nas religiões e até mesmo na sexualidade.

Por exemplo, no dia 3 de janeiro de 2023, a Ministra da Cultura do Brasil, Margareth Menezes, cedeu uma entrevista ao programa *Em Pauta*, da *GloboNews*. Antes de falar sobre os planos para a pasta, foi convidada, pelo apresentador Marcelo Cosme, a cantar um trecho da música *Faraó Divindade do Egito* (Menezes, 2006). O evento foi amplamente divulgado no *Twitter* (Figura 6).

Figura 6 — Postagem no *Twitter* sobre Margareth Menezes



Fonte: Pan, 2023.



Foi aí que este projeto começou a ser pensado. Pois percebemos que a Egiptomania se manifesta de forma polissêmica no *Twitter*, mostrando a relevância de estudar esse fenômeno na era digital. E como ambicionamos realizar um estudo de Egiptomania, apreendemos que o passado é ressignificado e utilizado nas redes sociais (Figura 7).

Figura 7 – Margareth Menezes, Faraó da Cultura



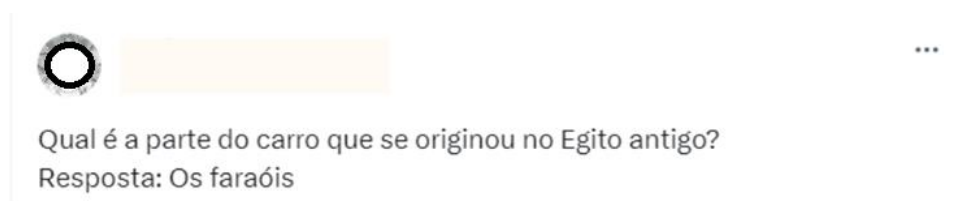
Fonte: *Twitter*, 2023.



Na figura 7, observamos o uso político dos Faraós do Egito Antigo para criticar o financiamento aos artistas brasileiros por meio da Lei Rouanet, oficialmente Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei n.º 8.313 do dia 23 de dezembro de 1991). Diferentemente da recepção anterior, a da música *Faraó*, não significa mais uma identificação racial, mas para descrever o despotismo oriental.

Foi aí que elaboramos a seguinte questão: Como a Egiptomania se manifesta no *Twitter* e de que forma o Egito Antigo é ressignificado nessa plataforma? Nossa hipótese é que Egiptomania se manifesta no *Twitter* por meio de diferentes usos de elementos da cultura egípcia, como símbolos, figuras mitológicas e personagens históricos, que são ressignificados para expressar ideias, valores e experiências contemporâneas, servindo como ferramenta de comunicação, identificação e crítica social (Figura 8).

Figura 8 – Faraó como trocadilho



Fonte: *Twitter*, 2009.

Pretendemos, portanto, identificar essa diversidade de manifestações, a partir da catalogação dos diferentes usos dos elementos egípcios, desde referências a deuses e faraós até *memes* e *hashtags*. Depois, almejamos estudar como esses elementos são ressignificados, adquirindo novos sentidos e funções. E, a partir da pesquisa nessa ferramenta de comunicação, o *Twitter*, poderemos observar como os usuários expressam suas ideias, valores e opiniões de forma criativa e engajadora, por meio de “usos do passado”, compartilhando seus conhecimentos e paixões. Por fim, será importante demonstrar como a História é usada como repertório de crítica sociais e políticas, utilizando, principalmente, as figuras do Egito Antigo como metáforas para situações contemporâneas.



2 JUSTIFICATIVA

A primeira justificativa para a realização desta pesquisa é que ela pode contribuir para o desenvolvimento da Egiptomania. Afinal, a Egiptomania, de uma forma geral, continua focada na análise de três ícones, a saber, o obelisco, a pirâmide e a esfinge. E quando não estão calcados nesses monumentos, ainda não contempla as fontes das redes sociais. Fato que nos leva a outra justificativa: a criação de uma metodologia para o uso de uma documentação ainda não estudada.

De acordo com Bakos et al. (2012), a Egiptomania tornou-se um campo de estudos acadêmicos em 1995, a partir da participação de estudiosos brasileiros no Sétimo Congresso Internacional de Egiptólogos, realizado em Cambridge. Dessa data até os anos presentes, muitos trabalhos foram desenvolvidos em diversas Universidades nacionais, os quais foram importantes para a consolidação da área. Esses trabalhos compõem a fundamentação teórica da nossa pesquisa, uma vez que estudam a Egiptomania no contexto brasileiro. Dentre os mais importantes, podemos mencionar os estudos de Bakos sobre a presença egípcia no Rio Grande do Sul (2001) e sobre a História da Egiptomania no Brasil e na América Latina (2004; 2005; 2006 e 2008), os de Brito (2005) acerca dos obeliscos, e os de Funari (2008) sobre a presença do Egito nos livros didáticos. Podemos igualmente mencionar o estudo de Coelho e Santos (2005) sobre os motivos artísticos egípcios no ambiente privado, o de Silva (2005) a respeito da presença do imaginário egípcio nos discursos maçônicos, e o de Costa (2009) acerca das charges da imprensa brasileira através da figura da Esfinge (Séculos XIX, XX e XXI). Outra publicação imprescindível, “Egiptomania: O Egito no Brasil” (BAKOS, 2004), é composta de doze textos de diversos autores do país que evidenciam as diferentes formas de manifestações egípcias no cenário brasileiro.

Por fim, é perceptível que a Egiptomania consiste em um campo de estudos consolidado aqui no Brasil. São diversas as obras e os autores que contribuíram para que esse *status* fosse alcançado, permitindo, de certa forma, que novos problemas, empregando fontes que ainda não foram investigadas, pudessem surgir.



Sendo assim, cogitamos contribuir com os debates acadêmicos reunindo um material inédito, o qual poderá ser utilizado por pesquisadores (as) de outras universidades que estejam interessados (as) no objeto.

A Egiptomania, como manifestação cultural que reinterpreta e ressignifica elementos do Egito, oferece um caminho promissor para o Ensino de História e a prática da História Pública. Ao explorar as diversas formas como a cultura egípcia se faz presente no mundo contemporâneo, os (as) alunos (as) podem perceber a relevância do passado na compreensão do presente e desenvolver uma visão mais crítica e reflexiva da realidade. A Egiptomania demonstra que a História não se limita a fatos passados, mas se mantém viva no imaginário e nas práticas culturais da sociedade, conectando o cotidiano com o mundo antigo e despertando a curiosidade pelo conhecimento histórico.

E, como vimos, o século XXI amplia as possibilidades de engajamento público com a história através da Egiptomania em plataformas digitais. Games como “Assassin's Creed Origins” transcendem o entretenimento, funcionando como ferramentas de imersão histórica e aprendizagem, permitindo que jogadores (as) explorem o Egito Antigo de forma interativa e envolvente. Filmes como “A Múmia” (1999) também despertam o interesse pelo passado, enquanto redes sociais como o *Twitter* se tornam espaços de debate e construção coletiva de conhecimento histórico, conectando entusiastas, educadores (as) e pesquisadores (as). Essa interação entre mídias e História Pública pode criar oportunidades para um Ensino de História mais dinâmico e participativo, aproximando o público do passado de maneiras inovadoras e cada vez mais estimulantes.

No ensino de história, a formação da consciência histórica é crucial para a construção do conhecimento em sala de aula. Como afirma Clarindo (2023), a experiência histórica dos (as) alunos (as) é central nesse processo, tornando a História significativa. Assim, devemos entender não só a escola como um espaço fundamental para o desenvolvimento da consciência histórica, mas, igualmente, as redes sociais, a partir da compreensão da experiência dos (as) estudantes em conectar passado, presente e futuro.



Segundo Patu (2018), relacionar o Egito à África é um problema que continua presente nos livros didáticos. E ele representa um grande o perigo. Pois, partilha de uma visão “orientalista” acerca do Egito, implicando na teorização do Egito como oriental. Nesse sentido, a impressão passada aos alunos (as) é que o Egito não pertence à África, mas à Ásia. Afinal, a sua população é oriental, o seu governante é um déspota oriental, o seu modo de produção é asiático e assim por diante (Figuras 9 e 10).

Figura 9 — Assuntos pesquisados no Google

As pessoas também perguntam :

Em que continente fica o Egito Antigo?

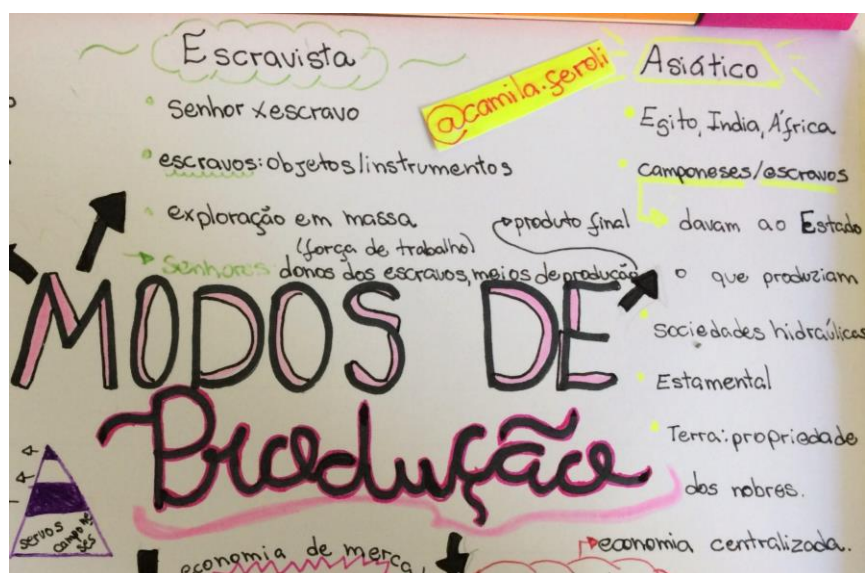
Que país pertence o Egito?

Em qual continente fica o Egito e Israel?

Onde fica o Egito África ou Ásia?

Fonte: Google, 2023.

Figura 10 — Mapa mental “Modos de Produção”



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/360288038930112755/>. Acesso em 13 out. 2024.



Nesse contexto, a História Pública desempenha um papel importante ao trazer o passado para o presente de forma acessível e relevante, criando pontes entre a academia e o público. O uso de tecnologias digitais, como recursos interativos e ferramentas de imersão histórica, enriquece a experiência de aprendizagem e aproxima os alunos do conhecimento histórico de maneira dinâmica e engajadora (Figura 11).

Figura 11 –Opinião sobre o filme “Os deuses do Egito”

OS DEUSES EGÍPCIOS SÃO NEGROS

Não vi UM PUTO CONSERVADOR reclamar do filme Deuses do Egito com deuses BR4NCOS dos olhos CLAROS e RUIVOS mas vejo esses paspalhos reclamarem de uma sereia negra



Fonte: *Twitter*, 2023.

Outra justificativa é o estudo da cultura digital. Para falar de cultura digital, é preciso, primeiramente, entender a noção de “polimídia”. De acordo com Spyer (2022, p. 38), não é possível compreender qualquer plataforma ou mídia isoladamente. Por isso, devemos compreender a cultura digital como “polimídia”, ou seja, a partir do entendimento que as pessoas utilizam diversos suportes para a comunicação e fazem isso utilizando linguagens diferentes para dialogar com públicos distintos.



A pluralidade de ações, além de atender as necessidades de reflexão e de aprendizado em uma sociedade “polimídia”, é importante, porque, hoje, é inegável a enormidade de conteúdos de História em nossa cultura digital. E, de fato, há uma infinidade de *posts* sobre História, os quais são promovidos pelas pessoas mais diversas, sejam homens, mulheres, crianças, adultos, idosos, estudantes, professores, curiosos, militantes políticos, conspiracionistas ou, até mesmo, alguém que gostou de um meme referenciando, por exemplo, algum episódio importante e marcante do passado. Para além da diversidade etnográfica, existe a abundância de mídias sociais. E, em cada uma delas, os (as) usuários (as) fazem um uso distinto de outra plataforma, mesmo que seja uma postagem sobre o mesmo conteúdo/tema. Ademais, é evidente o uso de diversas tecnologias, por meio dos sempre presentes *smartphones*, os quais ocupam boa parte da vida dos (as) estudantes. Assim, importa trabalhar os licenciandos a compreenderem a cultura digital, a partir do uso das novas comunicações midiáticas, observando, durante esse processo, como impactam a educação e, especialmente, a aprendizagem escolar.

Um procedimento a ser realizado por meio do diálogo com a antropologia, mais especificamente com conceito de “alfabetização midiática”, isto é, a reflexão sobre as “habilidades que [...] permitam analisar criticamente e produzir habilmente mensagens na mídia” (Miller, 2019, p. 80). Assim, planejamos trabalhar as “[...] tecnologias digitais, os conteúdos virtuais e outros recursos tecnológicos e incorporá-los à prática pedagógica, para potencializar e transformar as experiências de aprendizagem, e estimular uma atitude investigativa” (Brasil, 2019).

A investigação, por sua vez, é importante para o exercício da “cidadania digital”. Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), compreende o pleno exercício da cidadania como “[...] a mobilização de conhecimentos [...], habilidades [...], atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana” (Brasil, 2018). E uma demanda bem complexa da nossa sociedade é desenvolver a aprendizagem capaz de exercitar nos alunos (as) a compreensão do que é uma *fake news*.



No campo da História, temos as nossas *fake news*. A falsificação da História chamou a atenção do jornal O Globo, o qual publicou a seguinte reportagem: “Versões absurdas de fatos históricos ganham força e alarmam especialistas”. No texto, os autores chamam atenção para a “*fake history*”, entendendo-a como uma adulteração feita com interesses do presente, muitas vezes, usada deliberadamente para distorcer ou negar o passado na tentativa de justificar a violência contra determinados grupos, como os afro-brasileiros e as mulheres (Torres; Urbim, 2018).

De tal maneira, a investigação será importante para o exercício da “cidadania digital”. Ao trabalharem os temas de História, construirão roteiros, desenvolvendo quatro habilidades muito importantes para a formação de historiadores: a leitura, a organização do argumento, a escrita e a comunicação. Além da perspectiva pedagógica, utilizar novas tecnologias também possui a dimensão técnica, em outras palavras, um ensino que promove igualmente a acessibilidade e a usabilidade. Princípios estabelecidos pela Lei n.º 12.527, de 18 de novembro de 2011, que regula o acesso a informações, e a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), ou Lei n.º 13.709/2018.

Esses apontamentos, por outro lado, levam-nos a outra justificativa: a inovação. Fruto de uma dificuldade a ser superada pelos pesquisadores — como trabalhar evidências históricas que ainda não foram analisadas? — este estudo será a primeira tentativa de desenvolver uma metodologia histórica para a catalogação da Egiptomania (e futuramente de outros assuntos) nas redes sociais.

Assim, outra justificativa se apresenta como importante: por que fazer um banco de dados? De acordo com Almeida (2011, p. 16-17), no momento de estudo de fontes digitais, “o historiador torna-se responsável pela análise e também pela preservação da informação”. Isso porque as postagens nas redes sociais são muito voláteis, podendo desaparecer a qualquer momento, seja por exclusão do próprio conteúdo ou do perfil pessoal do autor, seja por ordem judicial ou até mesmo por ter violado as políticas da rede social na qual foram veiculadas. E isso é um grande problema (Figura 12).



Figura 12 – Suspensão do X pelo Supremo Tribunal Federal



Fonte: Netto, 2024.

Por fim, no *Twitter* existe uma enormidade de referências ao Egito Antigo (e à História) que podem ser utilizadas para uma vasta gama de estudos educacionais. Uma qualidade documental que arriscamos perder, caso não seja resguardada para a posteridade. Por isso, prosseguiremos com a “arqueologia de salvamento” da documentação digital. Isto é, construiremos um banco de dados.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Analisar as manifestações da Egiptomania no *Twitter* entre 2008 e 2013, à luz da historiografia recente, buscando compreender a recepção do Egito Antigo nessa plataforma.



3.2 Objetivos específicos

- Identificar as principais palavras-chave e temas relacionados à Egiptomania no *Twitter*.
- Classificar as diferentes formas de manifestação da Egiptomania no *Twitter*.
- Analisar a frequência e o contexto de uso das palavras-chave relacionadas à Egiptomania.
- Comparar as representações do Egito Antigo no *Twitter* com a historiografia recente.
- Discutir as implicações da Egiptomania no *Twitter* para a compreensão da relação entre passado e presente na cultura digital.

4 METODOLOGIA

A coleta e análise dos dados foram realizadas em consonância com a Lei n.º 12.527, de 18 de novembro de 2011, que regula o acesso a informações no Brasil. Considerando a natureza digital das fontes de dados, os *tweets* coletados foram tratados como “informações” e “documentos”, segundo as definições presentes no Art. 4º da referida lei. A análise dos *tweets* coletados, assim, seguiu os princípios de tratamento da informação, disponibilidade, autenticidade, integridade e primariedade, conforme estabelecidos nos incisos V a IX do Art. 4º. Buscou-se, assim, garantir a confiabilidade e a precisão dos dados, respeitando a natureza pública da plataforma *Twitter*.

Em relação às informações pessoais, a pesquisa se baseou no Art. 31 da Lei n.º 12.527, de 2011, que dispõe sobre o tratamento de informações pessoais. A coleta e análise de dados foram realizadas com respeito à intimidade, vida privada, honra e imagem dos usuários, conforme o § 3º, inciso II, que permite a utilização de informações pessoais para fins de pesquisa científica de evidente interesse público. Caso seja vedada a identificação das pessoas a que as informações se referem.



Entendemos esta pesquisa como de interesse público porque almejamos contribuir para a formação de cidadãos críticos e conscientes, por meio do ensino de História calcado na compreensão da realidade social. A pesquisa, por sua vez, é importante para o desenvolvimento de habilidades essenciais para futuros (as) licenciandos (as), como a argumentação, a interpretação de fontes digitais e a análise que considere a interação entre passado, presente e futuro. E ao investigarmos a Egiptomania no *Twitter*, exploraremos temas que despertam muito interesse. Isso pode inspirar novas práticas e contribuir para a melhoria do ensino de História nas escolas. Por fim, a relação entre História Pública e letramento digital é importante para a democratização do conhecimento histórico, tornando-o mais acessível a diferentes públicos.

Também seguimos norteados pela Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), Lei n.º 13.853, de 2019, que regula o tratamento de dados pessoais no Brasil, inclusive em meios digitais. Conforme o Art. 4º, inciso II, alínea b, e com o Art. 7º, inciso IV, a pesquisa, enquadrada como estudo acadêmico realizado por órgão de pesquisa — o Laboratório de Estudos e Pesquisas em História Antiga, Medieval e da Arte (LEPHAMA). E garantimos a pseudonimização de todos os dados pessoais, com exceção de pessoas jurídicas, como empresas, jornais e ONGs (Figura 13).

Figura 13 – Procedimento de pseudonimização

Falando em Egito, Aquelas MÚMIAS resolveram acordar para a democracia? que Tutankamon e Ramsés não leiam isso! Escondam o livro dos mortos

Fonte: *Twitter*, 2011.

Os pesquisadores criaram um perfil no *Twitter* independente das contas pessoais para conduzir esta pesquisa. Também foram instruídos a ajustar as configurações de privacidade de forma que os perfis verdadeiros ficassem escondidos.



Visando à segurança da informação, o Art. 11, inciso III, foi considerado. A anonimização de dados pessoais sensíveis foi realizada, e a divulgação dos resultados do estudo não revela tais dados. O banco de dados é acessível apenas aos membros do laboratório envolvidos no estudo, assegurando a proteção das informações coletadas. Adicionalmente, a pesquisa respeitou a Lei n.º 12.737, de 30 de novembro de 2012, que tipifica criminalmente delitos informáticos, abstendo-se de invadir ou obter acesso indevido a dispositivos informáticos, ou informações privadas.

A coleta de dados se restringiu a *tweets* de acesso público, em consonância com o § 4º do Art. 7º, que dispensa o consentimento para dados tornados manifestamente públicos pelo titular. Reforçando o compromisso ético da pesquisa, o § 3º do Art. 7º norteou a análise dos dados, considerando a finalidade educacional e o interesse público. Assim, o objetivo da pesquisa se concentra em analisar apenas o fenômeno da Egiptomania no *Twitter*, e não os usuários da plataforma.

Para a construção do banco de dados, utilizamos a ferramenta de busca avançada do próprio *Twitter*. Por meio dela, é possível usar filtros (palavras-chave, período entre datas e menções) objetivando encontrar *tweets*. O preenchimento da busca avançada é bem simples. O pesquisador pode consultar diversas palavras, uma frase exata e *hashtags*, filtrando o idioma e em uma cronologia específica (Figura 14).

As palavras-chave foram selecionadas com base na leitura da obra “Egiptomania: O Egito no Brasil” de Bakos (2004): 1. Egito Antigo; 2. Faraó; 3. Cleópatra; 4. Pirâmide; 5. Esfinge; 6. Hieróglifo; 7. Obelisco; 8. Deus do Egito; 9. Religião Egípcia; 10. Egiptomania; 11. Nilo, 12. Hatshepsut, 13. Tutancâmon, 14. Nefertiti, 15. Hórus, 16. Anúbis, 17. Ramsés, 18. Ísis, 19. Sarcófago, 20. Osíris.



Figura 14 — Busca avançada palavras-chave *Twitter*

X
Busca avançada
Buscar

Palavras

Todas estas palavras

Exemplo: o que está acontecendo · contém "o que está" e "acontecendo"

Esta frase exata

Exemplo: happy hour · contém a frase exata "happy hour"

Qualquer uma destas palavras

Exemplo: gatos cães · contém "gatos" ou "cães" (ou ambos)

Nenhuma destas palavras

Exemplo: gatos cães · não contém "gatos" e não contém "cães"

Estas hashtags

Exemplo: #ThrowbackThursday · contém a hashtag #ThrowbackThursday

Idioma

Datas

De

Mês
▼

Dia
▼

Ano
▼

Para

Mês
▼

Dia
▼

Ano
▼

Fonte: *Twitter*.

O segundo procedimento, de caráter exploratório, foi justamente buscar as nossas categorias no *Twitter*, observando a cronologia de pesquisar mês a mês, ano a ano, desde 2008 até dezembro de 2013. Isso porque percebemos que, quanto menor a amplitude cronológica da busca, mais detalhado será o resultado. Neste ponto, cabe mencionar o motivo da escolha do nosso recorte: o intuito é prosseguir com a pesquisa enquanto o *Twitter* existir. Os anos de 2008 a 2013 foram o nosso primeiro retalho.



A terceira etapa da pesquisa consistiu na “arqueologia de salvamento”, que envolveu a organização e preservação dos dados coletados. Para isso, criamos um banco de dados digital utilizando o *Microsoft Access*, onde cada *tweet* foi registrado e armazenado. A fim de garantir a organização e a recuperação das informações, elaboramos uma ficha com campos específicos para cada *tweet*, incluindo: código da postagem, palavra-chave utilizada na busca, links da postagem (original e permanente), datas da postagem e da coleta, classificação do uso do Egito na postagem, texto completo do *tweet* (se disponível) e nome do bolsista responsável pela coleta. Além do registro no banco de dados, realizamos a captura de tela de cada postagem, nomeando cada imagem com o código da postagem correspondente. Esse processo garantiu a preservação e a organização dos dados coletados, facilitando a análise posterior dos documentos (Figura 15).

Figura 15 — Exemplo de ficha

Código da postagem	1	@ do perfil	
Palavra-chave pesquisada	Egito Antigo	Texto da postagem	[quem são?] AS MUMIAS VIVAS [back: do Egito Antigo elas vem] AS MUMIAS VIVAS....
Endereço eletrônico		Uso do Egito na postagem	
Endereço permanente		Há imagem?	☐
Data da postagem		Há vídeo?	☐
Data da coleta	30/04/2023	Responsável pela coleta	Pedro Carvalho
Nome do perfil			

Fonte: O autor, 2024.



Figura 16 — Banco de dados

Código de Pc	Palavra-chav	Endereço ele	Data da post	Data da cole	Nome de per	@ do perfil	Texto da pos	Uso do Egito	Há imagem?	Há vídeo?	Responsável	Clique para Adicionar
1	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	22/01/2010	30/04/2024			Antes da invenç		☐	☐	Melissa Ribeiro	
2	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	13/01/2010	30/04/2024			As duas gemeas		☐	☐	Melissa Ribeiro	
3	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	26/01/2010	30/04/2024			@Oi_Dede Assimila o paint		☐	☐	Melissa Ribeiro	
4	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	07/01/2010	30/04/2024			@tiodino		☐	☐	Melissa Ribeiro	
5	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	10/02/2010	30/04/2024			arghhhhh!!! calo		☐	☐	Melissa Ribeiro	
6	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	22/02/2010	30/04/2024			tá que os filmes		☐	☐	Melissa Ribeiro	
7	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	11/02/2011	30/04/2024			Depois de década		☐	☐	Melissa Ribeiro	
8	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	17/02/2010	30/04/2024			Dá pra entende		☐	☐	Melissa Ribeiro	
9	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	17/02/2010	30/04/2024			Motivacional: V Uma humilhaç		☐	☐	Melissa Ribeiro	
10	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	17/02/2010	30/04/2024			Tutankamon , si A autore reflex		☐	☐	Melissa Ribeiro	
11	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	18/02/2010	30/04/2024			Para vcs verem		☐	☐	Melissa Ribeiro	
12	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	17/02/2010	30/04/2024			meus tweets ga		☐	☐	Melissa Ribeiro	
13	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	18/02/2010	30/04/2024			Cá entre nós, v		☐	☐	Melissa Ribeiro	
14	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	18/02/2010	30/04/2024			Só agora cientis Satiriza a demo		☐	☐	Melissa Ribeiro	
15	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	17/02/2010	30/04/2024			Alguem tá gaste		☐	☐	Melissa Ribeiro	
16	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	03/03/2010	30/04/2024			"Tutankamon n		☐	☐	Melissa Ribeiro	
17	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	09/03/2010	30/04/2024			as pernas da he		☐	☐	Melissa Ribeiro	
18	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	04/03/2010	30/04/2024			meu caixao terr		☐	☐	Melissa Ribeiro	
19	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	12/03/2010	30/04/2024			A ciência evolui Assimila o Mich		☐	☐	Melissa Ribeiro	
20	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	06/03/2010	30/04/2024			Esses velhinhos		☐	☐	Melissa Ribeiro	
21	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	16/03/2010	30/04/2024			Eu tenho experi		☐	☐	Melissa Ribeiro	
22	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	01/04/2010	30/04/2024			O maior empre		☐	☐	Melissa Ribeiro	
23	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	22/04/2010	30/04/2024			hoje descubri q Desconhecimer		☐	☐	Melissa Ribeiro	
24	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	19/05/2010	30/04/2024			Desteito gente		☐	☐	Melissa Ribeiro	
25	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	18/05/2010	30/04/2024			Essa é a mistur		☐	☐	Melissa Ribeiro	
26	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	21/05/2010	30/04/2024			Porque roqueir		☐	☐	Melissa Ribeiro	
27	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	04/06/2010	30/04/2024			inclusive o aken Curiosidade sot		☐	☐	Melissa Ribeiro	
28	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	11/06/2010	30/04/2024			Tutankamon é c		☐	☐	Melissa Ribeiro	
29	Tutankamon	https://twitter.com/tutankamon	01/06/2010	30/04/2024			A logo da copa		☐	☐	Melissa Ribeiro	

Fonte: O autor, 2024.

A primeira análise dos dados foi quantitativa e comparativa. Foram coletadas, ao todo, 7188 evidências, com predominância de "Anúbis" (25,22%), "Faraó" (12,53%) e "Osíris" (12,06%), indicando interesse na religião e governantes egípcios. Já, a análise qualitativa ainda está em seu processo inicial, mas já foi possível identificar alguns repertórios em que a Egiptomania aparece no *Twitter*.

Para compreender a ressignificação do Egito Antigo no *Twitter*, utilizamos o conceito de *allelipoiesis*, proposto por Favarsani (2020). Esse neologismo, que combina "*allelon*" (mútuo, recíproco) e "*poiesis*" (criação, geração), descreve a interação dinâmica entre passado e presente na construção de significados. Ao evocar elementos do passado, como figuras mitológicas, personagens históricos ou símbolos, o presente os reinterpreta e os ressignifica de acordo com suas necessidades e perspectivas. Esse processo de criação mútua e recíproca gera repertórios distintos, que refletem as manipulações e os interesses específicos do presente.

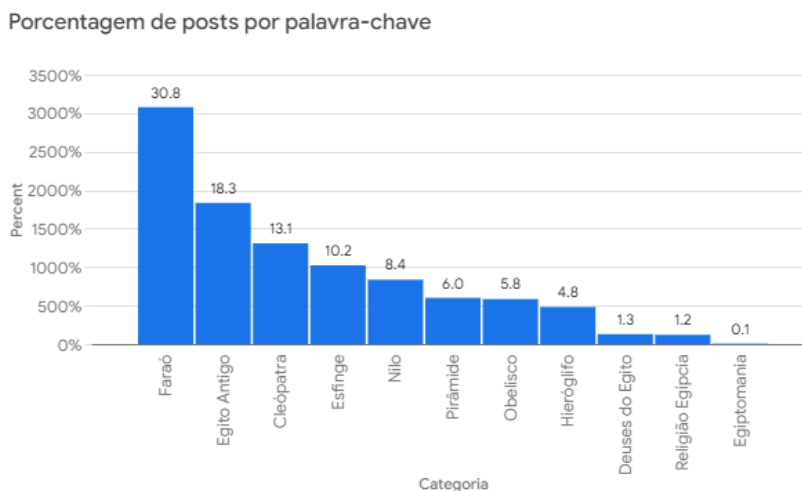


No caso da Egiptomania no *Twitter*, observamos que as palavras-chave pesquisadas são utilizadas em contextos diferentes daqueles do passado, criando um Egito que mescla e confunde temporalidades (Faversani, 2020). Até o momento, encontramos seis repertórios: crítica a governantes ou personalidades políticas; racialidade; feminismo, etarismo, religião cristã e sexualidade.

5 RESULTADOS OBTIDOS

No ano de 2023, apoiados com uma bolsa PAPq–UEMG, encontramos 2.415 evidências para os anos 2008 a 2013 (Figura 17), considerando as onze categorias, a saber, 1. Egito Antigo; 2. Faraó; 3. Cleópatra; 4. Pirâmide; 5. Esfinge; 6. Hieróglifo; 7. Obelisco; 8. Deus do Egito; 9. Religião Egípcia; 10. Egiptomania; e 11. Nilo. Encontramos, para Egito antigo, 443 posts (18,3%), para Faraó, 743 (30,7%), para Cleópatra, 316 (13%), para Pirâmide, 145 (6%), para Esfinge, 247 (10,2%), para Hieróglifo, 116 (4,8%), para Obelisco, 141 (5,8%), para Deuses do Egito, 31 (1,3%), para Religião Egípcia, 29 (1,2%), para Egiptomania, 2 (0,08%), e, por fim, para Nilo, 202 (8,62%).

Figura 17 — Porcentagem de posts por palavra-chave (2023)



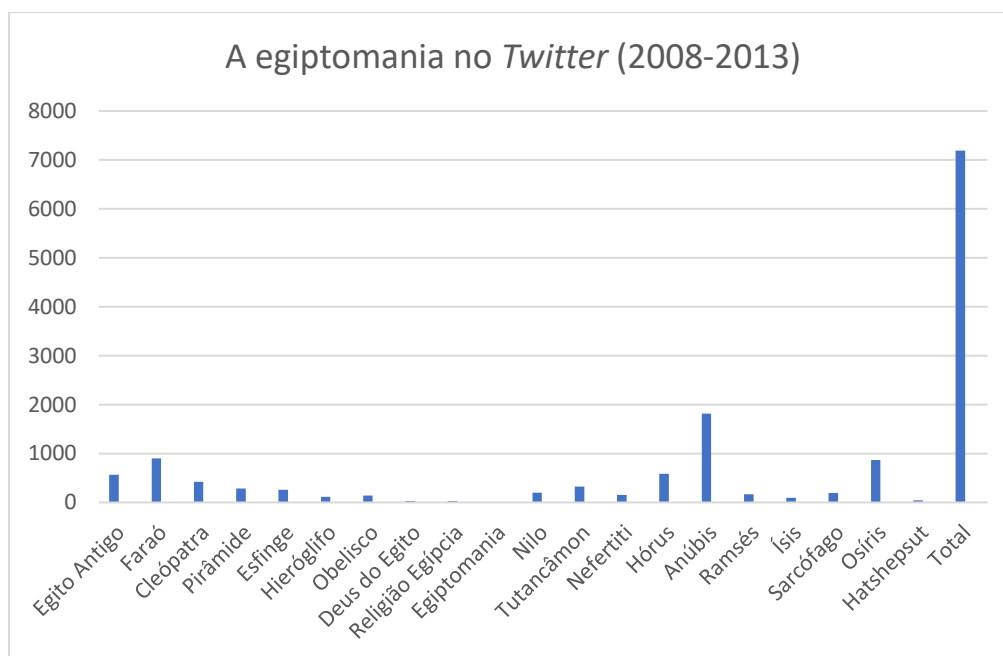
Fonte: O autor, 2023.



Nesse primeiro momento entendemos a necessidade de refazer a nossa busca acrescentando novas palavras-chave. Por isso, acrescentamos as outras nove e submetemos o projeto para renovação. Em 2024, obtivemos duas bolsas PAPq–UEMG.

Somando os anos de 2023 e 2024, encontramos 7.188 evidências, considerando as vinte categorias (Figura 18). Descobrimos, para Egito antigo, 565 posts (7,8%), para Faraó, 901 (12,5%), para Cleópatra, 419 (5,8%), para Pirâmide, 285 (3,9%), para Esfinge, 257 (3,5%), para Hieróglifo, 116 (1,6%), para Obelisco, 141 (1,9%), para Deuses do Egito, 31 (0,4%), para Religião Egípcia, 29 (0,4%), para Egiptomania, 2 (0,03%), e, por fim, para Nilo, 202 (2,8%). Para Tutancâmon, encontramos 323 posts (4,4%), para Nefertiti, 156 posts (2,1%), para Hórus, 584 posts (8,1%), para Anúbis, 1813 posts (25,2%), para Ramsés, 167 posts (2,3%), para Ísis, 94 posts (1,3%), para Sarcófago, 196 posts (2,7%), para Osíris, 867 posts (12%), e, para Hatshepsut, 40 posts (0,5%).

Figura 18 — A Egiptomania no *Twitter* (2008 a 2013)



Fonte: O autor, 2024.

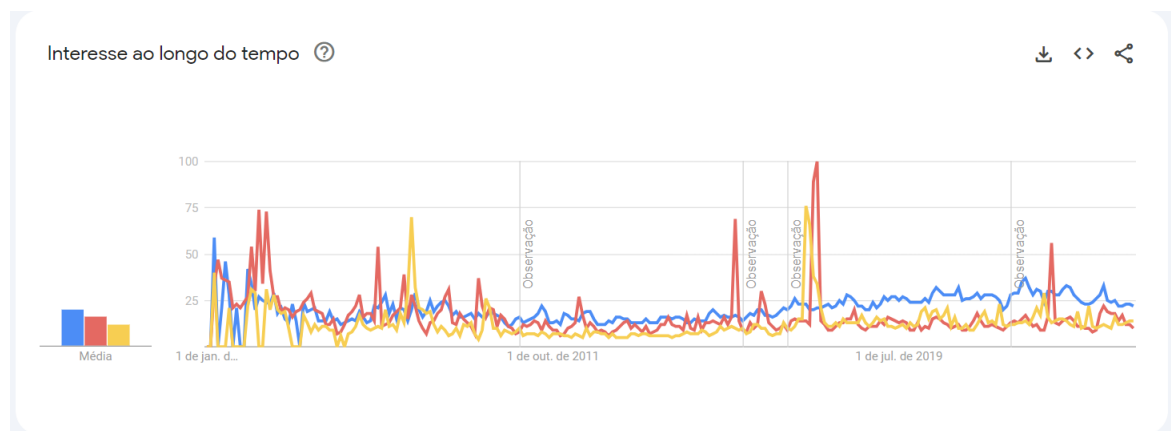


5.1 UMA “ANÚBISMANIA”?

Um dado muito marcante da nossa pesquisa é a quantidade de postagens que fazem alusão a Anúbis. Essa observação levou ao surgimento de uma nova pergunta a ser respondida futuramente: o século XXI é o momento da “Anúbismania”? Podemos compará-la com a “Tut-mania” do século XX ou com a “mumiamania” do XIX? Não sabemos! Nossos dados ainda são incipientes, pois a coleta apenas começou.

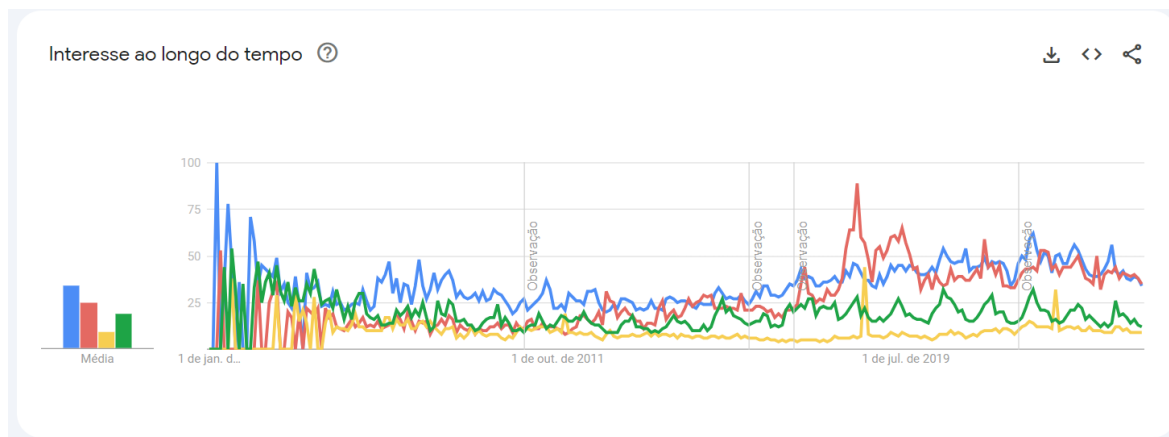
Porém, decidimos utilizar a ferramenta *Google Trends* (Figura 19). E obtivemos o seguinte resultado de 2004 até hoje, a partir da comparação de menção a Anúbis (azul), Tutancâmon (vermelho) e múmia (amarelo).

Figura 19 — Comparação entre Anúbis, Tutancâmon e múmia



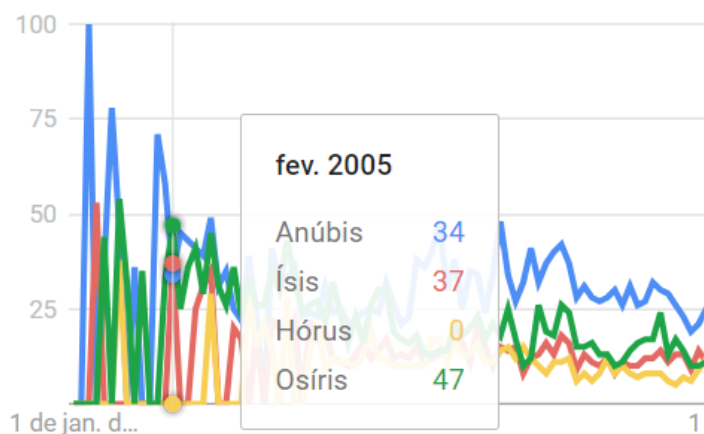
Fonte: *Google*, 2024.

Uma predominância encontrada na comparação entre o número de menções a Anúbis (azul) com o de outras divindades egípcias, como Osíris (verde), Ísis (vermelho) e Hórus (amarelo), para ter uma ideia da popularidade relativa de cada um. Dentre as divindades egípcias, Anúbis é o mais popular (Figura 20).

**Figura 21 — Comparação entre Anúbis, Ísis, Hórus e Osíris**

Fonte: Google, 2024.

Se, por um lado, os dados do Google Trends permitem observar em qual cronologia uma palavra-chave aparece com mais frequência (Figura 22). E ele é importante para a pesquisa histórica no sentido que oferece um recorte para estudarmos como a cultura pop e as mídias interferem no interesse pelo Egito.

Figura 22 — Menções a Anúbis (01/2004 a 02/2005)

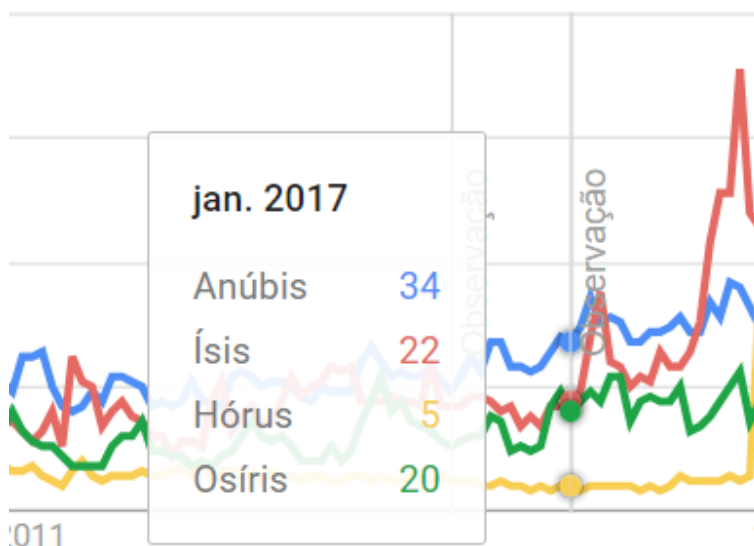
Fonte: Google, 2024.



Tomemos o exemplo do pico de menções a Anúbis, localizado entre janeiro de 2004 a fevereiro de 2005, quando começa a ser ultrapassado por Ísis e Osíris. Foi nesse contexto que foi lançada a série “Stargate SG-1” (2004 – 2007), produção de ficção científica que apresentou Anúbis como um poderoso *Goa'uld*, uma espécie de raça parasita que se passa por deus. Houve também o lançamento do *game* “Age of Mythology” (2004) que retrata Anúbis como um personagem jogável.

Já a permanência entre as divindades mais mencionadas também pode ser justificada por uma série de produções. Para o contexto de 2016 a 2017 (Figura 23), temos o filme de fantasia “Gods of Egypt” (2016), em que Anúbis desempenha um papel fundamental na trama. A série “American Gods” (2017–2021), a qual traz Anúbis como um dos “deuses antigos” que vivem nos Estados Unidos. Por fim, o lançamento do aclamado jogo, “Assassin's Creed Origins” (2017), que se passa no Egito Antigo.

Figura 23 — Menções a Anúbis (01/2017)



Fonte: Google, 2024.



O mais intrigante é que a maioria das referências a Anúbis analisadas diz respeito a essa visão da divindade como um personagem de um *game* ou como um super-herói ou vilão de um filme de ficção (Figura 24).

Figura 24 — Anúbis Avatar

Coloquei o avatar Deus Egípcio Anúbis no fundo de papel de parede. Eu tenho fascínio por ele!

Fonte: *Twitter*.

Para além das produções mencionadas, Anúbis é um tema muito popular na moda, aparecendo em tatuagens, seja representando proteção, guia espiritual ou conexão com o mundo espiritual (Figura 25). Assim como é comum encontrar fotos de pessoas com roupas e acessórios representando Anúbis.

Figura 25 — Tatuagem de Anúbis



Fonte: *Twitter*.



5.2 REPERTÓRIOS

Na introdução deste relatório, experienciamos duas recepções do mesmo vocábulo, faraó. A música *Faraó* resgata o governante para falar sobre a influência e a presença da cultura egípcia no Brasil, em especial, no Pelourinho. Podemos empregá-la para falar da comunidade de descendentes africanos do nosso país e das suas origens tão importantes quanto a dos europeus. De outra maneira, apresentamos outro significado: um déspota oriental. O conceito foi cunhado, em 1956, por Wittfogel, no texto “The Hydraulic Civilizations” e apresenta o Egito antigo como uma sociedade totalitária e despótica, regida por um governante/deus que acumulava todas as riquezas.

Nesse momento é importante mencionar que para o mesmo vocábulo, podemos identificar dois repertórios: crítica a governantes ou personalidades políticas (Figura 26); e racialidade (Figura 27).

Figura 26 – Crítica a governantes ou personalidades políticas

O faraó à beira do fim, quer a sua pirâmide. Ontem, o PCP aprovou os novos paços do concelho, projecto duplamente errado
<http://bit.ly/9YAZ4>

Fonte: *Twitter*.

Figura 27 –Racialidade

sou faraó, prazer minha mãe. sou faró, passeio pelo sol. sou faraó, o rei da folia... sou faraó e o egito é a bahia.

Fonte: *Twitter*.



Muitas vezes esses repertórios compreendem palavras-chave distintas. A exemplo de Cleópatra que é evocada para falar de racialidade do Egito antigo, mas também de feminismo e sexualidade.

Figura 28 – Racialidade de Cleópatra

Qualquer dia descobrem que o Egito fica em....África: «Cleópatra «era descendente de africanos» <http://bit.ly/yhC31>

Fonte: *Twitter*.

Figura 29 –Feminismo e Cleópatra

RT @amnubie: Tantos homens reinaram no Egito mas o grande mito é uma mulher. Salve Cleópatra...

Fonte: *Twitter*.

Figura 30 –Sexualidade e Cleópatra

Ainda sobre sexo: Talvez cleopatra tenha praticado sexo oral com mais de 100 homens numa mesma noite...

Fonte: *Twitter*.

Outro repertório muito comum é o etarismo. Como sabemos, o etarismo é a discriminação com base na idade, ou seja, o preconceito contra indivíduos ou grupos devido à sua idade, geralmente direcionado às pessoas mais velhas (Figura 31). Uma observação que julgamos importante mencionar é que, algumas vezes, os repertórios não possuem fronteiras tão fluídas, uma vez que um vocábulo pode ser empregado para designar etarismo de uma forma geral ou para criticar um governante idoso (Figura 32).



Figura 31 –Etarismo

quando eu fui no Egito o faraó queria me mumificar. queridos, eu sou muito nova pra isso, ainda nem cheguei nos 4000

Fonte: *Twitter*.

Figura 32 –Etarismo e crítica a governantes

Faraó sai da Tumba só pra perguntar onde esta o diploma do Serra.

Fonte: *Twitter*.

Por fim, um repertório muito presente no *Twitter* é o cristianismo. Fruto das tradições católica ou evangélica, aparecem em discussões sobre o a escravidão (Figura 33) e o monoteísmo (Figura 34), alimentando esse repertório.

Figura 33 – Escravidão no Egito

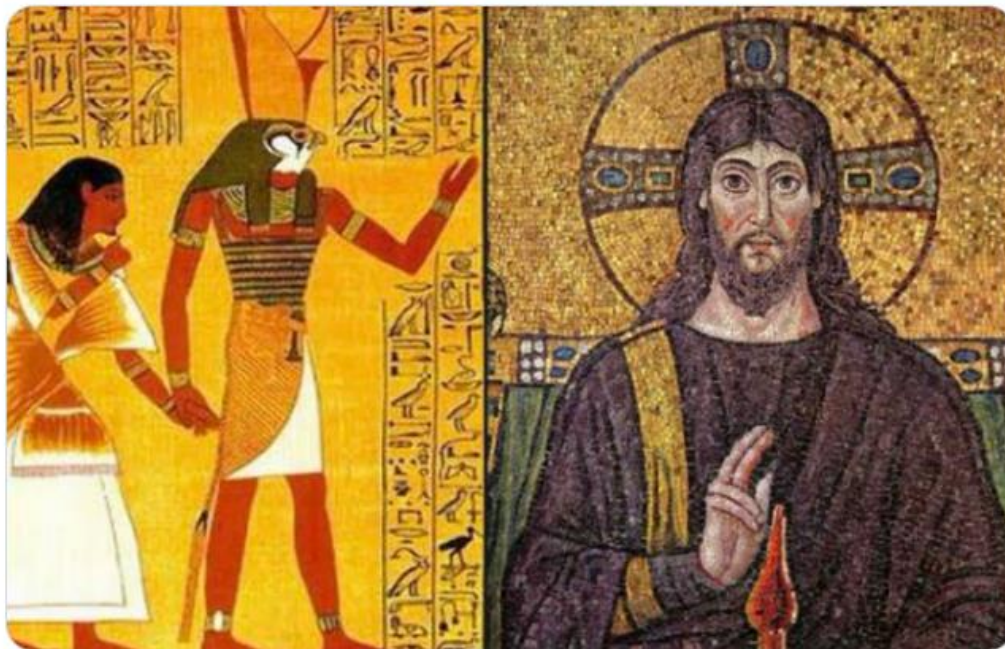
José foi vendido como escravo pelos irmãos e levado ao Egito. No fim José se tornou administrador do faraó e terminou salvando o seu povo da fome. Deus tirou proveito de algo ruim que aconteceu e transformou em salvação. Algo me diz que devemos glorificar a Deus pelo Brasil.

Fonte: *Twitter*.



Figura 34 –Cristianismo e Egito antigo

Acho muita ignorância falar que o cristianismo é cópia da religião do Egito antigo por conta das leves semelhanças. Além de aderir ao politeísmo, aderiam ao Antropozoomorfismo e havia a crença de vida após a morte. Tanto que ocorria a mumificação dos corpos para a volta da alma



Fonte: *Twitter*.

Almejamos ainda, até o final de 2024, tabular a distribuição dos repertórios e as principais palavras-chave dentro de cada um deles. E, se possível, encontrar ainda mais repertórios ainda não percebidos. De qualquer maneira, três conclusões surgiram deste estudo: i. é possível questionar se o século XXI é o momento da “Anúbismania”; ii. os termos raciais e de gênero, amplamente binários usados hoje, são anacrônicos, porque refletem visões contemporâneas sobre raça e gênero, e não podem ser aplicados ao Egito; e iii. a Egiptomania no *Twitter* funciona como uma espécie de (re)vivificação do Antigo Egito por meio de empréstimos de signos dessa antiga sociedade, os quais são atribuídos novos usos, possibilitando entender as relações entre a Antiguidade e o mundo contemporâneo, criando uma História Antiga mais problematizadora.



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Egiptomania no Brasil percorre um caminho fascinante, adaptando-se aos diferentes contextos históricos e culturais. Da arquitetura monumental à cultura pop e às mídias digitais, a apropriação da cultura egípcia revela a capacidade de reinterpretar o passado e atribuir novos significados aos símbolos e narrativas que atravessam o tempo. Essa jornada demonstra que o fascínio pelo Egito Antigo permanece vivo, inspirando e influenciando a cultura brasileira de formas cada vez mais diversas.

Buscamos investigar como a Egiptomania se manifesta no *Twitter* e de que forma o Egito Antigo é ressignificado nessa plataforma? Nossa hipótese é que Egiptomania se manifesta no *Twitter* por meio de diferentes usos de elementos da cultura egípcia, como símbolos, figuras mitológicas e personagens históricos, que são ressignificados para expressar ideias, valores e experiências contemporâneas, servindo como ferramenta de comunicação, identificação e crítica social.

Dentre as experiências contemporâneas mais latentes, identificamos a crítica a governantes ou personalidades políticas, os debates de raça e gênero, o etarismo e, por fim, o debate religioso que perpassa o entendimento do cristianismo hoje. Assim, por *allelopoiesis*, a interação dinâmica entre passado e presente gera repertórios distintos, que refletem as manipulações e os interesses específicos do presente.

Por fim, outro resultado: a divulgação científica. Em conjunto com a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade de Minas Gerais, por meio do financiamento do Programa de Apoio à Extensão da UEMG, ao projeto “Ciclo de Estudos do LEPHAMA, em nosso *Instagram* (<https://www.instagram.com/lephama.uemg/>), criamos a série “A Egiptomania no *Twitter*”. Ao todo, realizamos vinte e seis publicações feitas em *Canva* com lâminas contendo *capturas de tela* do *Twitter* junto a excertos de textos historiográficos, indicando uma possibilidade de análise da fonte.



REFERÊNCIAS

A MÚMIA. Direção: Karl Freund. Produção: Carl Laemmle Jr. Estados Unidos: Universal Pictures, 1932.

A MÚMIA. Direção: Stephen Sommers. Produção: Sean Daniel, James Jacks. Estados Unidos: Universal Pictures, 1999. 125 min.

ALMEIDA, F. C. de. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Aedós**: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online), v. 3, p. 9-30, 2011.

AMERICAN GODS. Produção: Bryan Fuller, Michael Green. Estados Unidos: Fremantle Media North America, 2017-2021. 3 temporadas.

ARAÚJO, R. de P. A.; SILVA, I. F. A capacidade dos *trending topics* em pautar o debate: agenda setting do algoritmo. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 25, n. 58, pp. 1123 –1142, 2023.

AXÉ - CANTO DO POVO DE UM LUGAR. Direção: Chico Kertész. [S.l.]: Kertész Produções, 2016. 107 min.

BRAGA, J. Egiptomania: moda ou estilo de vida?. *L'Officiel Brasil*, São Paulo, 06 mar. 2023. Moda. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/ciencia/nova-serie-sobre-cleopatra-gera-polemica-com-a-cor-da-protagonista>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

BRASIL. **Lei Federal n. 12.527, de 18 de novembro de 2011**. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei n. 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei n. 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei n. 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Brasília, DF, 2011.

BRASIL. **Lei nº 12.737, de 30 de novembro de 2012**. Dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos; altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal; e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 03 dez. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. **Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)**. Diário Oficial da União: Brasília, DF, n. 157, p. 59, 15 ago. 2018.



BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/ CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 72, p. 46-49, 15 abr. 2020.

CLARINDO, J. Ê. P. **Mundos do trabalho e ensino de história**: consciência histórica nas escolas profissionais. Orientadora: Ana Carla Sabino Fernandes. 2023. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) - Mestrado Profissional em Ensino de História, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

CLEÓPATRA. Direção: Joseph L. Mankiewicz. Produção: Walter Wanger. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1963. 248 min.

ENSEMBLE STUDIOS. **Age of Mythology**. Redmond, WA: Microsoft Game Studios, 2002. 1 jogo digital (PC).

GODS OF EGYPT. Direção: Alex Proyas. Produção: Basil Iwanyk, Alex Proyas. Estados Unidos: Summit Entertainment, 2016. 127 min.

FAVERSANI, F. Tirano, louco e incendiário. **História da Historiografia**, v. 13, p. 375–395, 2020.

FERREIRA, J. DE L. Cultura digital e Formação de Professores: uma análise a partir da perspectiva dos discentes da Licenciatura em Pedagogia. **Educar em Revista**, v. 36, p. e75857, 15 jan. 2021.

INDIANA JONES E A ÚLTIMA CRUZADA. Direção: Steven Spielberg. Produção: Robert Watts. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1989. 127 min.

MILLER, D. **Como o Mundo Mudou as Mídias Sociais**: a Portuguese translation of How the World Changed Social Media. São Paulo: UCL Press, 2019.

NETTO, P. P. STF determina suspensão do X, antigo Twitter, em todo o território nacional. **Supremo Tribunal Federal** [sítio institucional]. Brasília, 30 ago. 2024. Disponível em: <<https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/stf-determina-suspensao-do-x-antigo-twitter-em-todo-o-territorio-nacional-2/>>. Acesso em: 13 out. 2024.



OFICIAL, O. Brasil, 3 nov. 2022. Twitter: @OlodumOficial. Disponível em: <<https://twitter.com/OlodumOficial/status/1588262095036059649>>. Acesso em: 18 out. 2023.

PARRA, J. M. Mania mórbida dos europeus por múmias foi obsessão durante séculos.

National Geographic, 21 dez. 2019. Atualizado em 5 nov. 2020. Disponível em:

<<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2019/12/mania-morbida-dos-europeus-por-mumias-foi-obsessao-durante-seculos>>. Acesso em: 13 out. 2024.

PATU, J. O eurocentrismo sobre Egito Antigo nos livros Didáticos. **MYTHOS** — Revista de História Antiga e Medieval, Ano 2, n. 2, p. 72 – 86, 2018.

SPYER, J. **Mídias sociais no Brasil emergente**: como a internet afeta a mobilidade social. 1. ed. São Paulo: Educ, 2022.

STARGATE SG-1. Produção: Brad Wright, Jonathan Glassner. Estados Unidos: MGM Television, 1997-2007. 10 temporadas.

TORRES, B.; URBIM, E. Versões absurdas de fatos históricos ganham força e alarmam especialistas. **O GLOBO**, Brasil, 22 set. 2018. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/versoes-absurdas-de-fatos-historicos-ganham-forca-alarmam-especialistas-23091891>. Acesso em: 02 out. 2020.

UBISOFT MONTREAL. **Assassin's Creed Origins**. [S.l.]: Ubisoft, 2017.

VOLPATO, B. Ranking: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2023, com insights, ferramentas e materiais. **Resultados Digitais**. Florianópolis, 16 mar. 2023.

Disponível em: <<https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>> Acesso em: 17 out. 2023.

WITTFOGEL, K. A. The hydraulic civilizations in THOMAS J, W. L. (org.). **Man's role in changing the face of the Earth**. Chicago: The University of Chicago Press, 1956.